



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

RÁDIO COMUNITÁRIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA:

participação étnica e de
gênero na Rádio Norte FM

COMMUNITY RADIO IN THE
TRIPLE BORDER:
Ethnic and gender participation in
FM Radio North

RÁDIO COMUNITÁRIA EN LA
TRIPLE FRONTERA:
Participación étnica y de género
en la Radio Norte FM

Maria Inês Amarante¹

Sonia Inés Varela^{2, 3}

RESUMO

O artigo apresenta um recorte da pesquisa "Radiofonia Comunitária na Tríplice Fronteira: gênero, etnia e inclusão social midiática", cuja proposta é um estudo aprofundado sobre a participação desses grupos nas rádios comunitárias das regiões

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010); Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2004); Especialista em Comunicação Social pela Universidade São Francisco-Sepac (2000) e Licenciada em Letras pela Université Libre de Bruxelles (1992), na Bélgica. Pesquisadora e Professora Adjunta da UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana - (Rádio e Comunicação Comunitárias - Curso de Graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural-ILAACH). E-mail: inesamarante@unila.edu.br.

² Graduanda do curso de Letras, Artes e Mediação Cultural (Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História - ILAACH). Bolsista do CNPq - Iniciação Científica 2014-15. E-mail: sonia.varela@aluno.unila.edu.br

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Curso de Graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural - Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História - ILAACH. Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1000. Jardim Universitário, CEP: 85870-901, Foz do Iguaçu (Paraná), Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

das fronteiras entre o Paraná, o Paraguai e a Argentina e o modo como estas emissoras têm favorecido a cidadania comunicativa. Em destaque, o caso da *Rádio Norte FM* da cidade de Cascavel, na região oeste do Paraná. Atualmente, a emissora emite 24 horas e também pode ser ouvida online. Ela abre espaço para as manifestações culturais locais e procura dar vez e voz às reivindicações de diversos movimentos sociais, cedendo-lhes espaço ao longo da programação. Este trabalho foi realizado a partir de pesquisas bibliográfica e documental, visita de campo, entrevistas e questionários dirigidos a diretores e comunicadores.

PALAVRAS-CHAVE: Radiodifusão Comunitária; Gênero; Etnia; Participação.

ABSTRACT

This article presents part of the research "Community Radiophonic in the Triple Border: gender, ethnicity and social inclusion media", whose proposal is a thorough study of this groups participation in community radio stations, in the regions of the borders, between the State of Parana, Paraguay and Argentina and how these vehicles have favored the communicative citizenship. Highlighting the case of Radio North FM, in the city of Cascavel, western region of Parana. Currently, the radio remains 24 hours on the air and is present online. It makes room for cultural events in all its expressions and it seeks to give time and voice to the demands of social movements giving them spaces along with the schedule of the programs. This work is based on bibliographic and documentary research, field visits, interviews and questionnaires addressed to directors and communicators.

KEY WORDS: Community Radios, gender, ethnicity and social participation.

RESUMEN

El artículo presenta un recorte de la pesquisa "Radiofonía Comunitaria en la Triple Frontera: género, etnia e inclusión social mediática", cuya propuesta es un estudio



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

profundo sobre la participación de estos grupos en las radios comunitarias de las regiones de la frontera entre Brasil, Paraguay y Argentina y el modo como estos vehículos han favorecido la ciudadanía comunicativa. En destaque, el caso de *Rádio Norte FM*, situada en la ciudad de Cascavel, en la región oeste del Estado de Paraná. Actualmente, la radio permanece 24 horas en el aire y abre espacio para las manifestaciones culturales locales y busca brindar tiempo y voz a las reivindicaciones de los movimientos sociales cediéndoles espacio a lo largo de la programación. Este trabajo fue realizado a partir de pesquisas bibliográficas y documentales, visita de campo, entrevistas y cuestionarios dirigidos a directores y comunicadores.

PALABRAS CLAVE: Radiodifusión Comunitaria, Género, Etnia, Participación.

Recebido em: 06.03.2016. Aceito em: 25.06.2016. Publicado em: 31.08.2016.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

Introdução

A região de fronteira situada entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina divide uma realidade cultural similar e a comunicação tem ganhado feições particulares devido às iniciativas dos países vizinhos. A nova *Ley de Medios* da Argentina⁴ saldou uma dívida pendente desde o fim da ditadura militar, marcando a passagem de um conceito de informação como mercadoria para o de informação como direito humano. No Paraguai surgem centros de produção e apoio às rádios comunitárias que trabalham em rede integrativa com inúmeras emissoras no interior do país e países limítrofes⁵, enquanto no Brasil ainda se discute, sem grandes avanços, a perspectiva de um novo marco regulatório para a democratização dos meios de comunicação. Assim, diversas possibilidades de mudança dos mecanismos formais de inclusão das mulheres e de grupos étnicos com pouca presença na mídia estão em curso em muitas comunidades, tema em debate no último encontro de comunicadores reunidos em Misiones (PUCARA, 2014)⁶, que tratou do Proyecto de Comunicación Comunitaria en el Mercosur. Nota-se também a preocupação em reforçar a participação de novos segmentos sociais, como crianças e adolescentes, nos meios de comunicação comunitários.

No Paraná, onde predomina a imigração europeia, as marcas da diáspora africana são presentes e significativas em todo o estado: 25% da população⁷ é afrodescendente, enquanto as etnias indígenas representam 0,25%. Porém, a cultura destes povos é pouco divulgada na mídia convencional.

⁴La Ley 26.522 de Servicios de Comunicación Audiovisual, sancionada em 10 de outubro de 2009 que divide as concessões de meios entre o Estado, empresas privadas e organizações comunitárias (sistema público, privado e sem fins lucrativos).

⁵Integrantes do coletivo "Voces del Paraguay" (Paraguay).

⁶Vide resenha no site <http://www.apc-suramerica.net/?p=7484>.

⁷Censo de 2005.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

A partir dessa constatação teve início o projeto de pesquisa “Radiofonia comunitária na tríplice fronteira: gênero, etnia e inclusão social midiática”, um estudo qualitativo que reúne pesquisadores da UNE – Universidad de Leste e da Unam – Universidade Nacional de Misiones, cujo objetivo é o mapeamento de rádios comunitárias regionais e a seleção de programas para análise dos conteúdos que têm sido oferecidos à população.

Um recorte desta pesquisa é o estudo de caso que ora apresentamos sobre a *Rádio Norte FM*, uma rádio comunitária situada na cidade de Cascavel. Buscaremos apontar os detalhes históricos de sua constituição e funcionamento, bem como da programação que é oferecida aos ouvintes locais e vem ao encontro dos objetivos do projeto: compreender como ocorre a participação de gênero e de diferentes etnias na programação da emissora.

Considerando a complexidade dos sistemas nacionais de comunicação nos países da América Latina, a diversidade de conteúdos produzidos na tríplice fronteira e o fato da produção comunicacional estar sendo impregnada pela recepção de formatos importados, que priorizam o “entretenimento” (LLOSA, 2012; CANCLINI, 2008) ou o “infotretenimento” em tempos de globalização, é preciso avaliar de que modo a programação das rádios comunitárias têm servido de contraponto ao que é produzido pela indústria cultural e qual a sua contribuição do ponto de vista da conquista da cidadania.

Histórico – *Rádio Norte FM*

O serviço de radiodifusão comunitária no Brasil é regido pela Lei nº 9.612/1998 e o Decreto nº 2.615/1998, que regulamenta os critérios de outorga e de renovação de



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

funcionamento das emissoras. Cinco entidades da comunidade local devem fazer parte do Conselho Comunitário, tais como associações de classe, beneméritas, religiosas ou de moradores, desde que legalmente constituídas, sendo que apenas uma será a responsável pelo seu funcionamento. A emissão deve ser em frequência modulada (FM), de baixa potência (25 Watts), que ofereça “condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais”. Há apenas um canal por município, o que implica na mesma frequência para todas, tendo um alcance de, no máximo, 1 km. As emissoras não podem ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo, tais como: partidos políticos, instituições religiosas etc.⁸ e apenas são permitidos apoios culturais de comércios locais situados dentro da zona estabelecida, o que dificulta sobremaneira o seu funcionamento.

Consideramos uma das grandes lacunas dessa lei o fato de limitar o poder de alcance das rádios e conceder-lhes apenas um único canal de funcionamento, não permitindo a formação de redes entre esses meios comunitários. Se o sinal de uma emissora comunitária interferir numa emissora comercial o Estado pune, o contrário não podendo ocorrer, reforça Bolaño sobre esta particularidade (2007: 51). Houve tentativa de alteração legal no tocante à publicidade, como o enquadramento na Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet)⁹ para que as rádios tivessem alternativas de sobrevivência. Porém, por pressão da ABERT – Associação Brasileira de Empresas de Radiodifusão, o

⁸ Pelo último levantamento feito pelo “Projeto Donos da Mídia”, em 2009⁸, revelou-se que há em torno de 271 políticos diretamente implicados nos meios de comunicação enquanto sócios ou diretores de 324 veículos comunitários, entre os mais de 9.000 existentes. Disponível no site:

<http://donosdamidia.com.br/levantamento/politicos>. Consulta realizada em maio de 2015.

⁹ Lei 8.313/1991.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

Ministério da Justiça julgou a decisão improcedente¹⁰, vedando qualquer tipo de publicidade comercial.

A *Rádio Norte FM* iniciou seu processo de outorga em 2006, sob a responsabilidade da Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Município de Cascavel¹¹ e apenas obteve esta concessão sete anos depois, em 2013, embora o Ministério das Comunicações garanta um prazo de três meses para dar um parecer. Ela partiu de um sonho de seu diretor, o jornalista Diogo Tamoio¹², que após cursar disciplinas como jornalismo radiofônico comunitário na universidade, montou uma web rádio para praticar. Naquele momento, realizou visitas às rádios comunitárias da região para saber como funcionavam e não encontrou modelos, uma vez que a outra rádio com outorga comunitária da cidade - *Rádio Cultura FM* -, possui vínculo político com um vereador da Prefeitura local¹³ e outras funcionam com estrutura precária em termos de comunicadores e programação, apenas com um kit comunitário que é vendido¹⁴ para que divulguem, a maior parte do tempo, apenas músicas, emitindo a partir do Paraguai.

Durante este período, através de empréstimos bancários, ele e uma equipe de amigos e familiares conseguiram adquirir os equipamentos e montar a sede da rádio,

¹⁰ Portaria nº 197, de 1º de julho de 2013.

¹¹As outras entidades que compõem o Conselho são: a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; a Associação Beneficente Solidariedade e Paz; a Associação de Cultura, Comunicação Popular e Cineclube Araguaia; o Núcleo Regional de Educação de Cascavel, através da ASSORPE - Associação dos Representantes dos Programas e Entidades para Portadores de Deficiência, APMF do Colégio Estadual Eleodoro Ebano Pereira.

¹² Entrevista realizada em Cascavel, em 7 de maio de 2015, pelas autoras do trabalho. Gravação realizada em meio digital.

¹³ Esta ingerência de políticos nos meios de comunicação é fato bastante corriqueiro na região oeste do Paraná, o que foi verificado na primeira fase da pesquisa, pois há rádios que são mantidas por políticos e outras que, de algum modo, recebem concessão e não funcionam ou nem existem, o que comprova distorções no sistema de outorga.

¹⁴ Composto por transmissor, processador de áudio e um computador com os programas específicos.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p270>

em um prédio alugado onde, na parte térrea, e emissora ocupa três espaços: recepção, estúdio principal e estúdio de gravação. A rádio cobre toda a região norte da cidade, atingindo em torno de 180.000 moradores e, quando a *Rádio Cultura* está desligada, nos finais de semana, chega até a zona leste. As reuniões do Conselho ocorrem duas vezes por ano ou, em convocação extraordinária para tratar de assuntos que exigem decisões urgentes.

A programação

A *Rádio Norte FM 104,9* permanece 24 horas no ar, de 2ª. à 6ª feira, e conta com 11 programas diferentes que têm entre uma a três horas de duração. Aos sábados e domingos a programação se diversifica com mais 11 programas. São emissões variadas que vão desde as exclusivamente musicais, informativas, espirituais e religiosas até as mais comprometidas com os direitos humanos. Um total de 20 voluntários numa faixa etária majoritária de 25 a 55 anos, garantem seu funcionamento e apenas cinco pessoas fazem parte de seu quadro efetivo e remunerado. Esta equipe também se ocupa do jornal impresso *Visão Norte* que nasceu depois da rádio, e que, segundo o diretor, ajuda a sustentá-la com a venda de anúncios.

A emissora oferece espaço para os movimentos sociais, que podem procurá-la para divulgar suas agendas, notícias, projetos e comentários sobre acontecimentos da atualidade, todos os dias, durante a manhã e conta também com o apoio da Unioeste – Universidade Pública Estadual – que participa da programação. À diretoria compete avaliar também o pedido de todos os que desejam participar oferecendo programas. É notável a presença de representantes de várias religiões, numa prática ecumênica, que



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

vai desde a participação de igrejas evangélicas tradicionais, neopentecostais, católicas, até de umbandistas e kardecistas, estes últimos tendo espaço para divulgar mensagens gravadas três vezes ao dia.

Contudo, em horário nobre, ou seja, das 11 horas ao meio-dia, é o pastor Edson Rodrigues – fundador de sua própria igreja, a Igreja da Paz, e que dá o seu nome a um programa de sucesso, cuja prática da filantropia aumenta a audiência da rádio e contribui para sua manutenção através de vários patrocínios (ou apoios culturais). Quando este programa começou, a igreja possuía apenas dois membros e um ano depois já conta com 140 seguidores. Quando ele anuncia a necessidade de alguém, logo surgem ouvintes solidários que espontaneamente oferecem ajuda e comparecem na emissora para entregar suas doações.

Para a transmissão de notícias, a rádio utiliza várias fontes de informação gratuitas disponíveis na web, e também se inscreve numa agência “Total Rádio”, especializada em rádio comunitária, que cobra 200 reais por mês pelo envio de programas musicais variados, notícias de celebridades, famosos etc. Como explica o diretor, não há produção própria por falta de condições de manter um profissional em jornalismo. Nas últimas eleições, havidas em 2014, a emissora promoveu um debate entre os dois candidatos ao governo do Estado, da situação e da oposição. Todas as segundas-feiras, o Presidente da Associação de Moradores do bairro de Interlagos, através do programa *Comunidade Zona Norte*, também promove, durante duas horas, debates sobre a atual situação política do Estado.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p270>

A rádio possui várias formas de interação com o público ouvinte – através do telefone, de um aplicativo para celular e pelo próprio site¹⁵, que estimula a todos a participar por meio do espaço “Deixe seu Recado”, “Peça a sua música”, ou do link “Contacto” – que registra as mensagens.

Não existem grupos ou movimentos de gênero (LGBT ou outros) ali representados. A emissora possui apenas dois programas que incluem mulheres em sua produção e na apresentação, o “Tarde de Talentos” e “Canta Canta minha gente”, que compreendem 4,8% do total de programas que a rádio oferece. Quanto às representações étnicas, comunidades indígenas não estão presentes e apenas os afrodescendentes têm espaço em três programas: “Hip-Hop em Sintonia”, “Country Sertanejo” e “Haití Universal”, que vão para o ar nos finais de semana, aos sábados e domingos, perfazendo em 7,3% do total de emissões.

“Tarde de Talentos” – é produzido e apresentado ao vivo por Alessandra C. Martins, professora de português e Juliete Castelar, jornalista que se ocupa da parte técnica, todos os sábados, das 13 às 15 horas e foi lançado em setembro de 2014. Trata-se de um espaço de entretenimento musical que atende pedidos dos ouvintes, durante o qual se realizam sorteios de brindes que são oferecidos por diversos apoiadores. Além disso, a proposta do programa é apresentar a cada semana um “talento” musical da região, realizando entrevista ao vivo com um artista convidado que conta sua trajetória e mostra parte de sua produção. Segundo Alessandra, ele tem como objetivo criar “oportunidades, para aqueles que não têm, de mostrar seus talentos”. A apresentadora também traz alunos que tocam, cantam e intercala um artista independente com um profissional mais conhecido.

¹⁵<http://nortefm.com/>.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

Já o “Canta Canta minha gente” tem produção e apresentação de um casal de cantores da terceira idade (entre 70 e 80 anos), Rosa Branca e Zé Branquinho, que já gravou um CD de moda de viola, ou música caipira. Durante o programa, que é transmitido todos os domingos das 13 às 15 horas, eles divulgam, além da música regional “de raiz” que eles mesmos compõem, músicas de outros compositores, atendem telefone, conversam com os ouvintes, enviam recados, abraços e fazem alguns anúncios dos apoiadores. A apresentadora estabelece um vínculo amistoso e simpático com os ouvintes que ficam em sua companhia durante 2 horas.

Entre os programas produzidos e apresentados por afrodescendentes está o “Hip-Hop em Sintonia”, cuja transmissão teve início há dois anos, em 2013, com a duração de duas horas, apresentado por um jovem militante da CUFA - Central Única de Favelas. Atualmente, este espaço foi reduzido à uma hora semanal “porque a rádio precisa de dinheiro para seguir em frente”, e o programa não tem patrocínio, argumenta Diogo de Quadros¹⁶, apresentador. Em seu lugar, foi introduzido um programa gospel.

“Hip-Hop em Sintonia” é um programa musical, que toca este estilo de música que nasceu nos Estados Unidos com os afrodescendentes e chegou ao Brasil depois dos anos 1960. Atualmente, está a cargo de um jovem músico negro que integra o grupo *Sobrevivência*. Por momentos, ele toma alguns minutos do programa para fazer referência às problemáticas atuais, como, por exemplo, as greves de professores do Estado do Paraná. Diogo, mais conhecido como “Buda” afirma que o objetivo do programa é criar o respeito da sociedade para com a cultura que envolve o hip-hop, divulgar as lutas e os sofrimentos das pessoas que se apropriam desse ritmo e romper com os preconceitos existentes em relação aos negros e suas expressões artístico-

¹⁶ Entrevista realizada através de questionário, em julho de 2015.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

musicais. Ele reforça ainda que pretende criar opiniões críticas através de “músicas que fazem as pessoas pensar e questionar”.

O “Country Sertanejo” é apresentado por Luiz Preto, humorista local afrodescendente que se dedica ao entretenimento e ao humor na *Rádio Norte FM*. O programa se transmite ao vivo, todos os sábados, durante 2 horas – das 11 às 13 horas -, e tem por base a música sertaneja e os pedidos dos ouvintes. O locutor dialoga com o público por telefone e trabalha o humorismo fazendo imitações de personagens famosos do espetáculo televisivo brasileiro.

“Haiti Universal” nasceu por iniciativa da Associação dos Haitianos em Cascavel e de seu diretor, Marcelin, para dar voz aos haitianos que residem na região oeste de Paraná. Valando Luberisse, um dos apresentadores e pioneiros, hoje estudante da UNILA, conta que o objetivo era “dar informação aos compatriotas e divulgar algumas músicas do Haiti”, pois a música traz conforto em momentos de saudades da terra natal. Além disso, serve como meio de comunicação entre os imigrantes do país caribenho em diferentes partes do mundo, do qual nasceu o nome do programa. É um tipo de interconexão que há entre os povos brasileiros e haitianos. O programa é transmitido desde junho de 2014, todos os domingos, das 20 às 21 horas, em crioulo, francês e, algumas vezes, em espanhol e é ouvido, segundo Valando, no Haiti, na República Dominicana, na Europa, no Canadá e em todos os estados do Brasil, pois chegam muitas mensagens através do whatsapp e do facebook, onde possui uma página.

Escreve Eduardo Galeano (2010)¹⁷ que a história do Haiti é a história do racismo. Explorado e escravizado pelos franceses para a plantação de cana de açúcar, foi o

¹⁷ Disponível em <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/A-hist%C3%B3ria-do-Haiti-%C3%A9-a-hist%C3%B3ria-do-racismo.pdf>. Consulta realizada em junho de 2015.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

primeiro país livre das Américas. Em pesquisa realizada na UNILA, sob a coordenação de Martins (2014), confirma-se que atualmente, como tantos outros países no planeta, o Haiti encontra-se à deriva:

O país foi alvo de sucessivas intervenções externas, viveu longos períodos de ditaduras e sofreu catástrofes naturais que vitimou grande parte da população. 80% dos haitianos são de pobres ou miseráveis. Em razão dessas dificuldades, um terço deles vive fora do país: fazem parte da diáspora haitiana, fenômeno migratório que se iniciou após a primeira invasão dos EUA, em 1915, e se repetiu a cada tragédia experimentada pelo Haiti nos últimos cem anos (MARTINS, 2014, p.3).

Há em torno de 3.000 haitianos em Cascavel e a maioria trabalha na indústria alimentícia. Apesar de terem boa escolaridade exercem atividades não qualificadas e de risco, por turnos, que os obrigam a sair de casa de madrugada para o trabalho.

A cidade possui 70% da população que se considera branca, portanto, bastante homogênea do ponto de vista étnico-racial. As reações das pessoas em relação aos haitianos variam entre a rejeição e à assimilação. Apesar de não gostar de mencionar a questão do racismo no Brasil, Valando, que estudava comunicação no Haiti, teve a ideia de promover um diálogo intercultural no programa "Haiti Universal" convidando, a cada segundo domingo do mês, um brasileiro para falar de suas impressões sobre os haitianos, como eles são vistos na cidade e como podem se integrar à sociedade brasileira. A conversa também gira em torno dos direitos humanos e trabalhistas, pois têm sido bastante explorados como imigrantes na cidade.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p270>

Considerações

Ao nos voltarmos ao estudo da programação da *Rádio Norte FM*, um dos primeiros questionamentos recai sobre o papel da comunidade nesta emissora e os objetivos do projeto comunicativo. Os produtores e os conteúdos nos ofereceram elementos para esta análise e suscitaram reflexões sobre uma inclusão étnica e de gênero.

No desenvolvimento de seu projeto a rádio tem praticado um modelo de gestão concentrado em sua diretoria, cujas decisões são tomadas pelo pequeno grupo de pessoas que a compõe. As entidades que fazem parte do Conselho se reúnem formalmente, conforme o estatuto, duas vezes por ano e, extraordinariamente, a qualquer momento “quando há necessidade”, explica o diretor.

Por este motivo, há uma participação limitada da comunidade local e dos voluntários que fazem parte da vida cotidiana da emissora, na sua forma de relacionar-se interna e externamente. Para Lamas (2007: 1) essa prática geraria um comprometimento maior com o direcionamento político e estrutural da rádio que incide na sua programação. O modelo compartilhado compreende um organograma e estruturas de áreas ou departamentos, distribuição de papéis, tarefas, funções e campos de ação, ou seja, uma maior dialogicidade entre todos que não é possível haver apenas em reuniões mensais como as que a diretoria realiza. Ele também prevê mecanismos de tomadas de decisões em diferentes níveis dentro da rádio, como a constituição de um Conselho de Programação, por exemplo.

Em estudos já realizados sobre o funcionamento de rádios comunitárias (AMARANTE, 2012), percebe-se, por exemplo, o estímulo à mobilização e à partilha de



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

decisões; a presença de radioescutas que frequentam a sede da rádio trazendo sugestões de pautas; inserção de alunos e professores de escolas; uma preocupação com inclusão de mulheres e variedade de formatos de programas temáticos sobre saúde, convivência familiar, educação e política, que envolvem debates e reportagens, bem como a cobertura jornalística de acontecimentos locais trazidos pela própria comunidade que se identifica com o veículo. Ao apresentar resultados de pesquisas feitas em algumas dessas rádios, Peruzzo (2007: 71) observa que, no princípio, muitas emissoras iniciam seu funcionamento com muita música para, ao fim de uma consolidação em experiência e qualidade, começar a falar de saúde e educação. Como a experiência da *Rádio Norte FM* é bastante recente, o ideal é um acompanhamento de sua programação.

Existe uma preocupação constante da direção com a audiência que traz mais apoios financeiros ou patrocínios para a emissora em vários programas e que são necessários à subsistência da rádio, devido talvez às restrições que a legislação brasileira impõe. Daí o destaque que é dado a programas de conteúdo evangélico que estimulam a solidariedade, mas também o assistencialismo, oferecendo à emissora uma contrapartida material. Este modo filantrópico de suprir as necessidades da população, em substituição ao poder público, ao longo do tempo, tende a enfraquecer o poder social de mobilização e de luta popular, contrariando o ideal geralmente perseguido pelas rádios comunitárias. Além disso, promoveria uma perda do aporte qualitativo da programação, pois a rádio passaria a figurar mais em função de suas necessidades econômicas do que do próprio projeto coletivo.

A este respeito, Peruzzo (2007: 69) explica, o que anos atrás também fez parte das reflexões de Grimberg, que a comunicação alternativo-comunitária não deve ter como



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

objetivo concorrer com os meios de comunicação massivos e comerciais do ponto de vista da audiência – e sim diferenciar-se pela qualidade dos conteúdos e pelo envolvimento popular. Dessa forma, a rádio comunitária ganhará sempre uma vantagem em relação às outras que não o são – e sua programação contribuirá para o desenvolvimento de uma reflexão crítica da população, oferecendo uma opção educativa que as outras não oferecem e estimulando protagonismos ao invés de tornar os ouvintes meros consumidores de mensagens e de produtos, como se verifica no presente caso.

Ao conceber uma programação popular e que, em muitos aspectos, difere das demais rádios da cidade de Cascavel, ela reproduz conteúdos que, de alguma maneira, já estão presentes na mídia comercial. Um exemplo disso é o programa “Country Sertanejo”, cujo apresentador anuncia e desanuncia músicas, além de imitar, com raro talento, personagens, em geral do meio televisivo, deixando de oferecer uma crítica aos programas originais onde se apresentam.

No aspecto musical das emissões avaliadas, as propostas alternativas dizem respeito ao espaço oferecido aos artistas locais – que são poucos dentro da programação, como os que participam do “Tarde de Talentos”, do “Canta Canta minha gente” e do “Hip Hop em Sintonia”. Na maior parte do tempo, ouve-se o que qualquer outra rádio oferece da indústria cultural fonográfica e que os ouvintes solicitam.

O engajamento relativo às reivindicações dos afrodescendentes, da população das favelas e da periferia, de modo geral, são divulgados pelos jovens da CUFA através do Hip Hop, cujas letras evocam a necessidade de mudanças na estrutura social e estimulam a resistência em aceitar passivamente a violência e o racismo vigentes. Eles estão também presentes nos debates promovidos pelos caribenhos do “Haiti Universal”,



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

que buscam uma interação com o público da região sobre a discriminação ou a xenofobia, mas que, na maior parte do tempo, é divulgado em língua estrangeira.

No que diz respeito à participação feminina, pode-se perceber uma quase invisibilidade das mulheres na programação, uma vez que representam apenas 1,5 % dos comunicadores. E os anseios, pensamentos e manifestações do movimento organizado de mulheres não são sequer mencionados, uma vez que a preocupação das comunicadoras é exclusivamente musical e o espaço tampouco comporta críticas aos programas televisivos ou músicas machistas que anunciam as mulheres como consumidoras ou mercadorias para consumo. Poucas vezes as mulheres aparecem na mídia como especialistas, avançam os estudos realizados pelos movimentos feministas que se dedicam aos meios de comunicação (MORENO, 2012:23), o que quase sempre é levado em conta dentro de uma programação comunitária.

Na pesquisa realizada, notamos que a preocupação da diretoria da *Rádio Norte FM* em desenvolver uma comunicação de forma plural, sem os vícios dos veículos tradicionais que priorizam questões político-partidárias e/ou financeiras, como lembra seu diretor, é em parte realizada: a emissora tem cedido espaço às diversas expressões culturais e procurado ouvir as reivindicações dos movimentos sociais que a procuram, de forma clara e independente, sempre pautada na verdade e no direito da livre manifestação e de resposta, segundo afirma (2015).

É certo que, ao oferecer oportunidade a pessoas da comunidade para participarem da programação, ela promove o aporte de novos atores sociais, como jovens, idosos e mulheres. Mesmo que constituam uma parte ínfima dos comunicadores voluntários, eles se fazem presentes nos programas que estudamos e atuam como mediadores em suas comunidades de origem, mostrando talento, criatividade e gerando



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

laços e afetos, o que contribui para o desenvolvimento da autoestima de cada um, estimulando uma maior participação. E a mediação, segundo Martín-Barbero, (2009: 153) “tem muito mais relação com as dimensões simbólicas da construção do coletivo”, com as “mediações comunicativas da cultura”, e isso tem um sentido mais amplo para o autor: “quando digo da cultura não falo somente de seus produtos, mas digo da sociedade, da política”.

Contudo, nota-se que a grande maioria dos comunicadores não possui uma formação comunitária, educativa e política básica que possibilite o comprometimento com aquilo que as equipes de rádios comunitárias sempre tentam promover, ou seja, a mudança social, para não acabar reproduzindo o que a indústria cultural oferece: programas de entretenimento, com músicas que banalizam contextos ou são tocadas em qualquer outra emissora. A programação da rádio falha por não oferecer a todos a possibilidade de refletir, saber criar, saber imaginar, aprofundar nos assuntos que trazem para cada programa apresentado por mulheres ou afrodescendentes, como é o caso de muitas emissoras que funcionam precariamente, não deixam de buscar propostas não hegemônicas.

Esta constatação nos remete à dinâmica de uma gestão compartilhada, tendo em conta que nenhum modelo de gestão é imutável. Ao longo do tempo, surgem as necessidades e os procedimentos podem se alterar. No entanto, é necessário pensar no dinamismo da emissora e no processo vivenciado por todos os participantes, lembra Lamas (2007) para enriquecer as práticas de comunicação coletiva, apesar de sempre haver conflitos a serem geridos em qualquer organização.

Se considerarmos a dimensão político-cultural da rádio, há muitos aspectos que podem ser revistos, necessitando para isso do aporte daqueles que são sua razão de



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

existir, ou seja, da própria comunidade que participa de sua programação através de seus representantes. No tocante à dimensão comunicacional, a rádio poderia aproveitar melhor o espaço de escuta de que dispõe na cidade – zona norte e, nos fins de semana abrangendo a zona leste. Estimular relações mais pontuais com as organizações que tratam das problemáticas de gênero(s) e etnia ajudaria a desenvolver outras perspectivas de mudanças sociais ao longo do tempo.

Nos últimos anos as sociedades latino-americanas passaram por mudanças bastante significativas no que se refere à demografia e aos meios de vida e consumo. Grupos que antes viviam marginalizados do espaço público, como os negros, indígenas, mulheres e as pessoas com outras identidades de gênero agora fazem parte dos cenários sociais. Esta experiência da diferença sempre gera tensões e resistências, que podem ser analisadas através de uma perspectiva sociopolítica, como o conflito de redistribuição de riquezas, de poder etc. e tudo isso passa pelos meios de comunicação.

O trabalho com a comunicação comunitária requer a mobilização e a preparação de toda a comunidade. O nascimento de uma emissora envolve muito mais do que um pequeno núcleo de produtores – implica em discutir, debater qual projeto se quer por em prática e que metas se pretende alcançar em conjunto, para a tomada de decisões.

No caso estudado, não se nota um modo de funcionamento mais inclusivo para que a rádio se torne, como tantas experiências conhecidas, um ponto de referência comunitário, um local de saberes e práticas capazes de acomodar outros modos de convivência possível, promovendo a “descolonização” da mídia vigente. Este seria, sem dúvida, um novo modelo de comunicação inovador, educativo e crítico que abre espaço para a expressão de todos visando um futuro mais justo que se constrói em conjunto.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

Referências

AMARANTE, Maria Inês (2012). **Rádio Comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã**. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. Rádios para todas as vozes. In: **Revista Rádio-Leituras** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo, UFOP: Ouro Preto, V. 6, Ano 1, pp. 105-122, Jan-Jun./2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/69>.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Qual a lógica das políticas de comunicação no Brasil?** São Paulo: Paulus, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**, São Paulo: Iluminuras, 2008.

GARRETÓN, Manuel. Democracia, ciudadanía y médios de comunicación: un marco general. In: ALFARO, María. **Los médios: nuevas plazas para la democracia**. Lima: Asociación de Comunicadores Sociales Calandria, pp.97-108, 1995.

LAMAS Ernesto; TORDINI Ximena. **El diseño colectivo de la gestión. Un proyecto, cuatro dimensiones**. Documento do Colectivo La Tribu, pp. 1-5, 3 de enero 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista a Maria Immacolata Vassallo de Lopes, São Paulo-USP: **Revista Matrizes**, , Ano 2, n. 2, pp.143-162, primeiro semestre 2009.

MARTINS, José Renato Vieira (Coord.) et al. **Diáspora Haitiana da utopia à realidade**. UNILA; USP; F.E.S, 2014.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p270>

MATA, Maria Cristina (2006). Comunicación y ciudadanía: problemas teórico - políticos de su articulación. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo: Unisinos VIII (1): 5-15, jan/abr, 2006.

MORENO, Raquel. **A imagem da mulher na mídia. Controle social comparado**. São Paulo: Publischer, 2012.

PERUZZO, Cicilia M.K. (2008) Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. In: Universidad de la Sabana, 2008. Disponível em: <http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>.

_____. Comunicação Comunitária e Gestão Participativa. In: KUNSCH. Margarida M. Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz (orgs.). **Relações Públicas Comunitárias: a Comunicação numa perspectiva dialógica e transformadora**, São Paulo: Summus, pp. 137-149, 2007.

_____. Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel (org). **O retorno da comunidade. Os caminhos do social**, Rio de Janeiro: Mauad, pp. 69-88, 2007.

PUCARA 2014. **Ata-resumo do IV Encuentro Nacional de Comunicación Audiovisual**, realizado em 16-17 maio na cidade de Posadas-Misiones, 2014. Site: <http://www.apc-suramerica.net/?p=7484>.

VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo. Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p270>

VILLAMAYOR, Claudia; LAMAS, Ernesto. **Gestión de la Radio Comunitaria y ciudadana.** FES - Friedrich Ebert Stiftung, AMARC – Asociación Mundial de Radios Comunitarias. Publicado em VivaLaRadio, 2008. Disponível em:
<http://www.vivalaradio.org/gestion-radios-comunitarias/organizacion/05manual-gestion.html>.